

OS SETE "COMO" CHAVES DE EFÉSIOS 5

*Rubem Martins Amorese**

Um dos textos que muitas influências teve sobre minha vida é essa enigmática passagem de Efésios 5. Refiro-me aos famosos versos 22 a 32.

Quando digo que o texto teve muitas influências, estou me referindo a uma enorme gama de informações que, ao longo da vida, fui tirando dele. Nem sempre muito coerentes umas com as outras e nem sempre muito sistemáticas. De fato, muitas delas, ao transformarem-se em sermões, provocavam reações negativas, ora em meu público feminino, ora no masculino.

Na verdade, o que ali se contém é tão mobilizante, que sempre me foi muito difícil fazer um sermão agradável sobre o tema. Sempre terminava de falar com a impressão de que havia provocado cisão em vez de edificação. A palavra "submissas", do verso 22, já estraga tudo desde o início... A não ser que no grego... Ou será que devo bater o pé porque é isso que ali está, e a Bíblia não foi feita para ser apreciada, mas obedecida?!

Esse mal-estar, no entanto, me forçou a caminhar na busca do sentido verdadeiro do texto. Não se tratava mais, agora, de agradar a quem quer que fosse, mas de buscar compreender a Palavra. E de proferi-la com fidelidade. Se eu tivesse certeza de haver encontrado um sentido verdadeiro - "o" sentido do texto, mas um sentido correto -, não precisaria mais ter receio das acusações de "machista", por parte das mulheres, nem de "vira-casaca" pelo lado dos homens.

Mas como? Como teria feito o Espírito Santo para contornar toda a formação, todo o ambiente, toda a sociedade machista do apóstolo Paulo? Que meios teria usado Deus para evitar que Paulo falasse de si mesmo e do seu tempo, negando a gerações longínquas uma palavra imutável, equilibrada, e despida de roupagens locais?

Bem, gostaria de partilhar o que encontrei. Encontrei dois tipos de resposta, para a compreensão do texto. No primeiro, a luz provém do entendimento da estrutura do texto; no segundo, da forma como o assunto é exposto. Eu explico.

* **Rubem Martins Amorese** fez mestrado em Comunicação pela UNB, de Brasília. É Presbítero da Igreja Presbiteriana do Planalto e professor na Faculdade Teológica Batista de Brasília. Além de assessor parlamentar no Senado Federal, preside a Comunicarte e coordena o Conselho Editorial da FTL-B.

LUZ A PARTIR DA ESTRUTURA

A primeira coisa a se notar nesta passagem, é que ela faz parte de um texto maior: não está isolada. Há um contexto. Que contexto é esse?

Como na maioria das cartas de Paulo, há uma separação do argumento em duas partes, que podemos chamar de:

- a) a iniciativa de Deus;
- b) a resposta humana.

Na carta aos Efésios, essa divisão é equilibrada: divide o livro em dois segmentos de três capítulos. Nos capítulos 1 a 3, o apóstolo narra o processo pelo qual Deus, tendo-nos criado para sua glória e louvor, e encontrando-nos mortos em nossos pecados, deu-nos vida através de Cristo, seu filho. Nos capítulos 4 a 6, ele admoesta a igreja a viver de acordo com essa verdade. Veja como ele inicia o capítulo 4:

"Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados." (Ef 4.1)

Esse "pois" nos dá uma clara idéia de que ele inicia um longo argumento de aplicação.

Pois bem: que recomendações faz o apóstolo? Recomenda-nos que andemos de forma coerente com a nossa vocação. E começa a estabelecer uma série de padrões de santidade, a serem alcançados pela igreja. São recomendações gerais, aplicáveis a toda a igreja; a todos os crentes, sejam homens, mulheres, moços ou moças. Aplicam-se a solteiros, casados, viúvos, pais, filhos, empregados, patrões etc.

Repare, no entanto, que a grande maioria das recomendações são de caráter relacional; destinam-se a regular as relações entre os membros da igreja. Fala de mentira, de ira, de roubo, linguajar impróprio, cobiça, gritaria, avareza e tantas outras coisas que somente se aplicam a uma pessoa quando em relação a outras. Não teriam o menor sentido, se não houvesse os outros.

E aqui vem a nossa primeira lição: uma recomendação que se aplica às relações entre dois irmãos, não se aplicaria, com muito maior motivo, a um casal? Por que um irmão deveria não mentir a outro, mas poderia fazê-lo ao seu cônjuge? Por que um presbítero deveria tratar com paciência uma irmãzinha e não sua esposa?

Ora, se o argumento acima está correto, então o verso 21 aplica-se ao casamento, com toda a sua força.

Entendeu, leitor? Temos a tendência de começar a nossa exegese pelo verso 22, achando que o texto anterior é outra coisa, é "geral". Mas mesmo que fosse, muito mais motivos teria para aplicar-se às relações familiares.

E o que diz este texto? Diz que as pessoas devem se sujeitar umas às outras no temor de Cristo. Por temor a Cristo -ou, como se fosse a Cristo-, o pastor se sujeita ao irmãozinho, o líder ao liderado, o marido à esposa e esta ao marido. O pai trata o filho adolescente como irmão em Cristo, e vice-versa.

Aí está o primeiro tipo de resposta: na condução da estrutura do texto, Deus providencia para que Paulo fale Sua palavra e não a dele, ou a de sua sociedade. Agora, vamos ao segundo tipo de resposta, aquela que provém da análise do texto propriamente dito.

OS SETE "COMO"

-Mas vai virar uma bagunça, se eu não puder exercer minha autoridade! -dirá o marido indignado. Afinal, o verso 23 diz que eu sou o cabeça!

Realmente, é isso que o verso diz. Mas, para que essa palavra não fosse compreendida à parte de todo o contexto, e distorcida pelo interesse do mais forte -que, de resto, no reino de Deus não é o que fala mais grosso- Deus semeou nesta passagem sete "como", que estabelecem um elemento de comparação, de forma que pudéssemos compreender o que o Espírito queria dizer. Dê uma passada no texto, leitor, e marque a palavra "como". Percebe af um vício de estilo de Paulo? Acredito que é mais que isso: é Deus, o Editor Geral, providenciando meios pelos quais poderíamos ouvir Sua voz por detrás do linguajar, dos costumes e das restrições ideológicas do seu autor humano.

O primeiro "como" está no verso 22 e define **como** as mulheres devem submeter-se aos maridos: **como ao Senhor**. Veja que não é como o marido acha que deva ser, não é como ele manda, como e quando ele estala os dedos. Ela deve submeter-se a ele **como** ela se submete ao Senhor. Se não houvesse este "como", a passagem estaria a dizer, de modo absoluto, que as mulheres devem colocar-se **sob a missão** do marido. O que já pressupõe que o marido deve ter, para o lar, uma missão. Sem missão, a submissão torna-se impossível. Af está um assunto que merece ser melhor desenvolvido. Sem missão não há liderança efetiva!

Mas este elemento de comparação não termina af; parte para esclarecer o lado do marido: "porque o marido é o cabeça da mulher, **como** também Cristo é o cabeça da igreja..." Veja! Há parâmetros para a liderança do marido. Assim como a submissão da esposa tem um modelo, também a liderança do marido é definida pelo "como" do texto. E a definição é o exemplo do próprio Cristo.

Note, então, que a comparação toda que eses "como" estabelecem é entre as relações marido-mulher e as relações Cristo-igreja. E o apóstolo fecha esse argumento introdutório, no verso 24, dizendo que a mulher deve estar sujeita ao marido, como a igreja a Cristo.

Talvez fosse hora de parar para perguntar: "Como a igreja está sujeita a Cristo?" Se compreendermos as características dessa sujeição, saberemos mais sobre as características das relações mulher-marido. Talvez algumas palavras-chave extraídas dos múltiplos textos bíblicos que falam sobre as atitudes da igreja em relação a Cristo ajudem o leitor a iniciar sua pesquisa. Eis algumas: devoção, iniciativa, voluntariedade, fidelidade, abnegação, gozo e alegria. Nada que lembra constrangimento, contrariedade, amargura, subserviência, servilidade, rancor e enfado. Cristo não quer um serviço forçado e mal-feito; serviço apressado, nos minutos de sobra, sem capricho, sem amor, sem atenção, sem gozo. Cristo não se propõe como um capataz que se limita a dar ordens e a punir os faltosos. Não é esse o tipo de relações que oferece. Oferece relações de amor, de responsabilidade, disciplina, iniciativa, reciprocidade. Assim, pois, deve a mulher portar-se, ao assumir a missão que, pelo marido, o Senhor designa àquele lar.

Aí está um leve bosquejo do que o texto quer dizer com os três primeiros "como", dirigidos primariamente às mulheres.

Agora a palavra se volta para os maridos, e os quatro "como" seguintes revelam a natureza de sua atitude em relação às esposas: "**como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela**".

Que interessante! Nem uma palavra sobre poder, autoridade, domínio, direitos e prerrogativas, mas "se entregou por ela". Fala somente de sacrifício! **Para apresentá-la a si mesmo esposa gloriosa, sem mácula, nem ruga nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito** (v. 27). Será que exagerei na transposição, leitor? Tenho certeza que não. Não é através de críticas, ameaças, pressões psicológicas ou punições que Cristo lidera sua igreja, sua noiva. Nem mesmo quando essa noiva se mostra rebelde, desorientada e infeliz. Ao contrário, ele diz que está à porta e bate. Pacientemente.

Cristo nos ensina, com sua atitude, que o verdadeiro líder não usa sua posição em benefício próprio. Ao contrário, o verdadeiro líder é o que atende às necessidades dos liderados. Ser cabeça não é prêmio; é cargo, é função. Função que emana da cruz, com todas as suas farpas. Não é posto para ser gozado, mas missão que será cobrada.

É por isso que o homem deixará seu pai e mãe para se unir à sua mulher (v. 31). É preciso muita independência e maturidade para tal missão. Ser "autoridade", no sentido secular, é relativamente fácil. No sentido aqui apresentado, exige fibra e desprendimento.

-Mas então, dirá você, como "funciona" esse sistema? Assim como está apresentado, ele parece ter um equilíbrio tão frágil...

As relações no Reino dão-se na base do amor e da submissão voluntária. Um se submete ao outro, "como ao Senhor". Aquele que quer ser o maior, faz-se menor e serve aos demais. E os demais dificultam essa tarefa, pois também amam ao Senhor, e também querem servir. Grande é este mistério (v. 32)!

Este modelo, quando aplicado ao casamento, tem a função de testemunhar, nas regiões celestiais, que o projeto de Deus para o relacionamento entre suas criaturas é viável e possível, quando seu nome é invocado. O casamento, neste sentido, é a **vitrine** do Reino. Mas esse já é outro assunto.

A MULHER NA CONSTRUÇÃO DO MUNDO

Jair Alvares Pintor*

INTRODUÇÃO

A tarefa de escrever sobre a mulher encontra duas dificuldades, entre outras. A primeira é a que dá uma certa cor de misericórdia. Há sempre alguém querendo defender essa pobre criatura. A segunda é a que enfrentamos quando queremos interpretar conceitos e pré-conceitos. Quando isso não acontece, isto é, quando não queremos enfrentar dificuldades, somos levados ao silêncio e à acomodação. Posição singular para a maioria dos teólogos e pensadores. A consequência é a que temos visto e notado. A construção de mundo é unilateral, dentro de uma visão machista; é o mundo dos mais fortes, dos mais inteligentes, dos que levam vantagem em tudo.

Além disso tudo, mexer com o assunto é perigoso, pois há somente dois times, um a favor da mulher em sua liderança no mundo e o outro contra. E, como o grupo que torce a favor é ainda bem menor, corremos o risco, embora tenhamos nascido de mulher, de ter nosso nome riscado do rol dos aceitáveis. Risco que decidimos correr.

Nestes últimos dias, tive o privilégio de ler muitas obras, de questionar sobre muitos conceitos, de pesquisar o assunto e de escutar pessoas. Descobri, de repente, que o que era escasso se tornou abundante. Há uma titularidade imensa em livros, revistas, panfletos, livretos etc., em torno do assunto. O envolvimento com os que escrevem, pesquisam e debatem é universal. A ONU aprovou em 7 de novembro de 1967 uma declaração contra a discriminação da mulher. Depois disso vieram comemorações e datas importantes tais como: ano internacional da mulher, dia nacional da mulher, década da mulher etc.

A América Latina ocupa lugar proeminente na pesquisa e discussão sobre o assunto. Há um número razoável de livros na área de história, na área teológica e outros tantos nas áreas da estatística e documentários. Outra área que não pode ser esquecida em termos de produção literária é a da psicologia. Entre obras traduzidas e muitas escritas a partir da América Latina, encontramos um labor admirável dentro do assunto. Já não podemos afirmar o mesmo da área teológica que tem se mostrado apática e até certo ponto acomodada diante do desafio do assunto.

* **Jair Alvares Pintor**, teólogo congregacional, literato e filósofo, é reitor do Instituto Bíblico Brasileiro em São Paulo, SP, e membro do Conselho Editorial da FTL-B. Endereço atual: Rua Pires da Mota, 110, Aclimação - 01529 São Paulo SP.

Observei, também, que a produção sobre o assunto da mulher pode ser equiparado à produção sobre o tema do Espírito Santo. De alguns anos para cá, os dois assuntos têm merecido a atenção de muitos pensadores, hermenêutas e expositores bíblicos.

O ano de 1991 foi separado pela Fraternidade Teológica Latino-Americana - Seção Brasil, para tratar do assunto sob a perspectiva da "Relação Masculino-Feminino, em busca de saúde e obediência".

A minha participação, com a escrita do presente artigo, é um esforço juntamente com outros esforços e trabalhos realizados por outros irmãos nas várias regiões do Brasil. Proponho-me a trabalhar expondo a matéria sob o ponto de vista bíblico-antropológico, sem desprezar o que as demais ciências oferecem dentro do assunto. Espero que este trabalho sirva de subsídio para a reflexão e a pesquisa sobre tão relevante tema.

I- A MULHER NO ATO CRIATIVO DE DEUS

O texto de Gênesis 1 é básico para a compreensão sobre o tema da mulher. O texto afirma, no verso 27, sobre o ato criativo de Deus "... homem e mulher os criou".

O interesse que o relato da criação deve despertar no estudante da Bíblia, está em ligar toda a criação do sexto dia dentro da idéia essencial de "no princípio". É a última etapa do ato criativo do Eterno. É nesse período que são criados todos os animais e répteis da terra e também o homem e a mulher. O verso 26 de Gênesis primeiro fala do domínio do homem sobre todos os animais, tanto os das águas como os da terra. Sendo o homem um animal, a diferença está na proposta do Criador em lhe dar inteligência e capacidade para governar os outros animais. O verso 28 do mesmo capítulo é bem diferente. Surge em primeiro lugar a bênção do Eterno. Essa bênção revela uma inter-relação entre Deus, o homem e a mulher. A bênção é endereçada a eles. Não há privilégio de um ou de outro. Essa mesma bênção vem dividida em duas partes, cada uma delas com sentido duplo. Em primeiro lugar vem: "Sede fecundos e multiplicai-vos". Esse binômio revela a importância que o Eterno deu e dá para as relações humanas. Não há espaço para o individualismo. Não há espaço para a solidão. O texto revela a diferença entre os sexos, porém quando se trata de unidade, um complementa o outro. Homem e mulher separados são apenas animais; juntos, porém, deles emerge a unidade glorificante do Criador. É claro que há discordâncias nesta matéria. Desde tempos antigos, a influência da filosofia aristotélica levou muitos teólogos e filósofos a assumirem a hermenêutica dualista dos opostos. Hoje em nossos dias a coisa não tem mudado de feição. Esta é a razão porque quase a totalidade dos que discorrem sobre o assunto homem-mulher, começa a argumentar a partir do capítulo 2 de Gênesis.

A questão é básica e essencial. Quando se tem a pretensão de tratar da criação da mulher, pelo menos dois aspectos devem ser considerados. O primeiro aspecto diz respeito ao espaço homem-mulher antes do pecado relatado em Gênesis 3. São

Gregório de Nissa ¹ discorrendo sobre o ato criativo de Deus afirma que homem e mulher foram criados tendo em vista o pecado que cometeriam. Afirma ainda este pai da Igreja, que o pecado reduz o homem ao puro estado animal, só conseguindo se reconstruir a partir da redenção providenciada pelo próprio Deus. Dentro da argumentação de São Gregório, a ruptura entre homem e mulher é uma consequência da desobediência. Da mesma forma pensa João Scoto Erígena² considerando que a divisão entre os sexos não fazia parte do plano original de Deus, mas foi uma consequência direta do pecado. O que nos parece é que esta doutrina é uma extensão do ensino de Orígenes³ quando trata da pré-existência da alma. Como temos dito, esta é uma questão primordial. Teria o homem sido criado em estado de pureza angelical e nesse estado procriaria?

O pensamento moderno não tem fugido a tudo isso. As escolas psicológicas insistem na criação de um ser composto, isto é, homem-mulher, macho-fêmea. O arquétipo de toda a humanidade está nesse homem-mulher que o Criador fez. Essa questão não foge sequer dos comentaristas mais tradicionais da Bíblia. Teólogos leigos, como Mary Evans ⁴ e Paul Evdokimov ⁵ se preocupam com a construção do texto de Gênesis 1. Para eles, como para tantos outros, Gênesis 1 e Gênesis 2 constituem dois relatos distintos e precisam ser analisados particularmente com a devida atenção e crítica.

O segundo aspecto que temos em mente se refere exatamente à questão dos dois relatos bíblicos da criação do homem e da mulher. E. J. Young ⁶ não separa os dois relatos. Afirma que um explicita o outro. Da mesma forma Derek Kidner⁷ afirma que o relato do capítulo 2 se "irmana e complementa o outro texto". Do mesmo pensamento estão homens como G. L. Archer Jr. ⁸, A. N. Mesquita⁹ e muitos outros.

Não vemos nenhum problema na posição de uns e de outros. O que nos incomoda é a força dada sobre um relato ou sobre o outro. Assim é que a maioria dos escritores, principalmente os que escrevem sobre os temas relativos ao lar, dão início aos seus trabalhos com o capítulo 2 de Gênesis. Correm o risco de elaborar doutrinas e ensinamentos que não representam toda a verdade escriturística. Assim procederam muitos pais da Igreja e muitos teólogos do passado. Preconceitos como a mulher sendo subproduto, detentora de imundícies, menos capacitada que o homem, agente de satanás,

1. São Gregório NISSA, *História da Filosofia Cristã* (Petrópolis: Vozes, 1988), p. 103. São Gregório conclui que a multiplicação dos seres humanos dar-se-ia como os anjos. Ele afirma que o sexo e o casamento são consequências do pecado.

2. João J. Scoto ERIGENA, *História da Filosofia Cristã* (Petrópolis: Vozes, 1988), p. 244.

3. ORIGENES. *História da Filosofia Cristã*.

4. Mary EVANS, *A mulher na Bíblia* (São Paulo: ABU Editora, 1986), p. 6-7.

5. Paul EVDOKIMOV, *A mulher e a salvação do mundo* (São Paulo: Paulinas, 1986).

6. E. J. YOUNG. *Introdução ao Velho Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 1964), p. 57.

7. Derek KIDNER, *Gênesis, introdução e comentário* (São Paulo: Vida Nova, 1979), p. 56.

8. G. L. ARCHER JR, *Merece confiança o A. T.?* (São Paulo: Vida Nova, 1986).

9. A. N. MESQUITA, *Estudo no livro de Gênesis* (Rio de Janeiro: JUERP, 1970).

inundaram o ambiente cristão mais antigo e seus resquícios ainda não se apagaram. Mesmo filósofos como Schopenhauer¹⁰, teceram comentários desairosos em torno das mulheres, reputando-lhes pouca inteligência, insensatez, paixões mundanas etc.

O fato de aceitarmos o relato da criação como sendo um, trazendo, porém, ênfases diferentes, facilita nossa compreensão ao darmos à mulher a mesma dignidade e o seu devido lugar nos planos de Deus. A imagem e semelhança do Eterno estão no macho e na fêmea. Embora esta matéria seja também muito discutida, cremos que Karl Barth foi mais feliz ao afirmar que a plenitude da imagem de Deus se torna glorificante na união do homem e da mulher.

Assim é que nunca esteve nos planos do Criador uma hierarquia em termos de homem e mulher. Um não é mais forte e outro menos forte; um não é mais inteligente e outro menos; um não é mais capaz e outro menos; um não é mais digno e outro menos digno. Ambos se completam e o Criador não olha para um sem que veja o outro, como expressões de sua glória.

Até aqui vimos o binômio "sede fecundos, multiplicai-vos", como o espaço das relações humanas. Um e outro, nos planos de Deus, responsáveis pela humanidade toda. Não há humanidade sem o homem e a mulher.

Passamos agora para o binômio "enchei a terra e sujeitai-a". Tudo o que o Eterno criou e preserva evolui de certa forma ou pelo menos se adequa aos seus ambientes, climas, regiões da terra etc. O homem e a mulher, porém, são criados e possuem prerrogativas para criar, modificar, construir etc. É a capacidade de construção de mundo de que tratam os antropólogos. Os animais são introduzidos num mundo já construído, estável e passivo. O homem é introduzido num mundo dinâmico, por construir, instável e marcado por um devir constante. Esse princípio é relevante. A mulher não foi destituída dessa tarefa. É por assim se afirmar, o centro, o eixo sobre o qual gira a tarefa de encher a terra e sujeitá-la. Quando ela recebe nome (Gn 3.20), depois da desobediência, é definida como a "mãe de todos os seres humanos". É claro que o pecado criou obstáculos quase intransponíveis. O homem virou as costas ao criador e à mulher. A mulher abaixou sua cabeça na confissão. No entanto, a disciplina sobre ambos é cíclica. Na mulher recai sobre o ventre que produz a vida da humanidade e no homem recai sobre a terra de onde é tirado. Ambos estão na mira da disciplina e ambos precisam do mesmo caminho de retorno. Quando o apóstolo Paulo apresenta seu argumento sobre a condição da mulher no contexto asiático e afirma que a mulher foi enganada, não exclui a participação do homem. Se assim o fosse, sua doutrina da justificação estaria completamente afetada. O texto de 1 Timóteo é elucidativo em termos de reforço para uma época em que a Igreja dá seus primeiros passos. Um não é mais justo que o outro. Um não foge à disciplina, ambos estão sob o tacão da desobediência. (Rm 11.32)

10. SCHOPENHAUER, *As dores do mundo* (Edições Ouro, 1987), p. 85ss. Embora Schopenhauer tenha sido muitíssimo agressivo neste assunto, verificamos, contudo, que ele é um dos que detectam os males sociais de seus dias quanto ao casamento. Mostra através de estatísticas o número imenso de mulheres abandonadas só na Inglaterra.

A mulher no ato criativo de Deus é parte integrante e participativa de todo o desenvolvimento da história da humanidade. Dentro da perspectiva de sua feminilidade, sem ela não existiria humanidade e sem ela não existiria construção de mundo.

A redução a que a mulher foi colocada não passa de um despotismo do homem que descobriu muito cedo que a força braçal era mecanismo adequado para cercear a participação da sensibilidade feminina no mundo. Discorrendo sobre tal desgraça anticristã, Paul Evdokimov ¹¹ afirma: Quanto mais a civilização é secularizada, mais masculina é; quanto mais se sente desesperançada, mais se descentraliza do verdadeiro feminino." Da mesma forma se expressam Pierre Bigo e Fernando Bastos de Ávila ¹², quando comentam o mistério da iniquidade. A força inical que tornava a relação do homem a coisa mais bela, torna-se o lugar da iniquidade. É nessa força, afirmam os expositores, que um se fecha ao outro e ambos se fecham para Deus.

Embora nos esforcemos através de hermenêuticas e outros mecanismos a diminuir toda a opressão sobre a mulher, os fatos nos revelam que a caminhada ainda é incipiente. Basta tomar nas mãos uma obra como aquela organizada por Maria Eliana Labra ¹³ para concluirmos que o lugar onde estamos em termos do lugar da mulher na construção de mundo, é ainda primitivo.

2- A MULHER NA CONSTRUÇÃO DO MUNDO RELIGIOSO

Este é um assunto litigioso. Todos concordamos com a sensibilidade religiosa das mulheres, mas não conseguimos perder da mente os preconceitos contra elas em termos do absoluto espiritual. Todos os códigos da legislação judaica que procuraram dar destaque ao relacionamento e à formação biológica da mulher pairam sobre as cabeças cristãs. Por mais que nos esforcemos, as questões estão presentes. Ultimamente questionamos até se uma mulher pode exercer o pastorado. Notamos que são questões fora de hora e fora de tempo. Já as temos. Devíamos questionar se as aceitamos ou não. Mesmo que entre grupos pentecostalizantes as mulheres sejam chamadas de "missionárias", o fato é que elas estão na liderança do rebanho de Jesus. Ora, negar fatos é, no mínimo, ignorância. Enfrentá-los requer reflexão e talvez mudanças na compreensão e no modo de encará-los. Quando encaramos o assunto da mulher ligada à construção do mundo religioso, ou fazemo-lo com profundidade ou simplesmente copiamos o que há muito se tem aceitado como última palavra. Assim ocorre quando Billy Graham escreve alguns conselhos sobre o casamento e o lar: ele o faz sem nenhum compromisso com a exegese bíblica.¹⁴ Em seus conselhos há muita

11. *A mulher e a salvação do mundo* (São Paulo: Paulinas, 1986), p. 177s.

12. *Fé cristã e compromisso social* (São Paulo: Paulinas, 1986), p. 231-32.

13. Maria Eliana LABRA (org.), *Saúde e sociedade no Brasil* (Petrópolis: Vozes, 1989). Esta obra traz muitas informações importantes que denunciam a situação da mulher no Brasil, em vários campos sociais. Por ela pode-se ter uma idéia sobre o sofrimento da mulher em toda a América Latina.

14. Billy GRAHAM, *O casamento e o lar* (São Paulo: RTM Editora).

coisa interessante e boa, mas há muita coisa obscura e simplória. Já Neil R. Lightfoot¹⁵, em suas palestras procura aprofundar-se na exegese sobre o assunto. No entanto, nem um nem outro, ainda que possam ter esta pretensão, podem dar uma palavra final sobre o tema.

Os fatos revelam que mesmo entre mil questionamentos a respeito do papel da mulher dentro e fora da igreja, em sua atuação leiga ou sacerdotal, em seu papel de mãe ou de mestra, o mundo caminha estranhamente dependente da sensibilidade feminina. Digno de nota é o trabalho da teóloga leiga France Quéré,¹⁶ que, discorrendo sobre a relação do instinto no macho e na fêmea, denuncia o gosto que o macho tem de concorrer, guerrear, torturar e matar. Não nega que este mesmo instinto esteja na mulher, mas não se realiza em versos e sons, como nos homens.

Olhando a construção de mundo do ponto de vista religioso, a mulher tem mostrado fibra, coragem e intrepidez. Do ponto de vista do cristianismo, a questão toda retoma o "princípio" de todas as coisas. Ao enfrentar os cidadãos religiosos de seu tempo, o Mestre Nazareno lembrou-os desse "princípio" (Mt 19.4). O apóstolo Paulo ensina a igreja em termos de unidade do corpo para ressaltar que na relação entre os filhos de Deus não há diferença entre homem ou mulher (Gl 3.28). Nas perspectivas sócio-culturais e psicológicas podem ser levantadas muitas diferenças, e em cima de preconceitos pode-se empreender todo tipo de perseguição e opressão. Mas na perspectiva da relação do crente com seu Senhor, não pode haver uma diferença sequer.

No final deste século "das luzes", o cristianismo deve ter resposta pronta e certa para questões que têm embrutecido nossas mentes e relacionamentos. A Bíblia ressalta a verdade de que idolatria e sexo sempre caminharam juntos. Em todos os tempos, os mais diversos segmentos sociais não escaparam das garras malditas da prostituição. O cristianismo condenou tal prática. Mas é verdade, também, que o próprio cristianismo com sua mensagem revolucionária de libertação pelo sangue da cruz, acomodou-se dentro de ideologias vitorialistas e consumistas, perdendo o vigor testemunhal.

Quando tomamos conhecimento dos depoimentos sobre a prostituição e outros mecanismos de opressão da mulher, ficamos envergonhados com a passividade dos cristãos. Algumas obras sérias denotam a gravidade do problema, como aquela organizada por Hugues D'Ans.¹⁷ Talvez a comunidade evangélica esteja fortemente

15. Neil R. LIGHTFOOT, *O papel da mulher: Perspectivas do Novo Testamento* (São Paulo: Editora Vida Cristã, 1979).

16. France QUÉRÉ, *Mulher, ela mesma* (São Paulo, Paulinas, 1987). A obra de Quéré é uma análise crítica do pensamento eclesial sobre a mulher. Faz críticas através da ótica da sociologia e da antropologia. Sua postura central é contra o pensamento religioso, de modo especial o dos pais da igreja.

17. Hugues D'ANS (org.), *Mulher: da escravidão à libertação* (São Paulo: Paulinas, 1989). Nessa obra há vários relatos e alguns comentários muito importantes. O depoimento "Zona, nunca mais" merece destaque por mostrar a luta de uma mulher ao deixar a vida de prostituição.

influenciada pela mentalidade burguesa, da qual fala e escreve Francis Schaeffer.¹⁸ Comunidades inteiras, cercadas de pessoas carentes, entram para o espaço santificado ao qual chamam de templo e, completamente alienados da dor e opressão do próximo, se regalam com "banquetes" ditos espirituais. Posição cômoda. Segundo o ensino claro do Mestre de Nazaré, não se pode compreender uma lâmpada sob o lume, nem o sal sem o devido uso (Mt 5.13-16).

A discussão sobre o papel da mulher na sua construção de mundo religioso parece-nos vazia de sentido. Nos tempos da igreja primitiva tal discussão foi bem compreensível. Perfeitamente aceitável. E cremos que até aos dias de hoje não só as mulheres, mas também os homens estão enquadrados dentro do aspecto de pureza da doutrina. Nem um nem outro pode produzir uma doutrina que vá além da genuína interpretação do evangelho. Tanto um como outro deve ser calado. Diante disso, a práxis ministerial da mulher nos dias modernos é testemunha do avanço do cristianismo em sua maturidade vivencial. Dentro desta perspectiva, José D. Soberal e Duncan A. Reily fizeram um trabalho muito importante como testemunho histórico.¹⁹

Os teólogos que dirigem comunidades não podem ignorar o fato de que grande parte do desenvolvimento do trabalho religioso está presente às mãos das mulheres. Se é fato -e não podemos ignorar- só temos um caminho: rever nossa posição e reavaliá-la a partir do evangelho.

CONCLUSÃO

A conclusão a que chego diante do que tenho exposto neste simples artigo é a seguinte:

Primeiro: Um estudo sério do texto bíblico a partir de Gênesis 1, harmonizado com o texto do capítulo 2 que o explicita, nos conduzirá, sem sombras de dúvida, a uma reavaliação do papel da mulher na construção de mundo. Encontraremos apoio incontestado do testemunho escriturístico de que Deus os fez iguais e deu-lhes as mesmas incumbências. A bênção é para ambos. Um e outro se completam. Um e outro se relacionam para dar plenitude à glória do Criador.

Segundo: Quando enfrentamos a literatura hebraica dentro do espaço do Antigo Testamento, não podemos nos esquecer que todo esse ensino está dentro da perspectiva sócio-cultural dos escritores e diante de uma formação de mundo religioso que enfrentava as pressões pagãs, sem a influência de Cristo. O mundo moderno, além da influência benéfica do cristianismo, está apoiado numa situação privilegiada pelo avanço científico, que tem ajudado em muitos campos, principalmente no da higiene e das relações humanas.

18. Francis SCHAEFFER, *A igreja do final do século XX* (Brasília: Editora Sião, 1988).

19. Cf. José D. SOBERAL, *O ministério ordenado da mulher* (São Paulo: Paulinas, 1989); Duncan A. REILY, *Ministérios femininos em perspectiva histórica* (São Paulo: CEBEP e Faculdade de Teologia Metodista, 1989).

Terceiro: Mesmo que os textos do Antigo Testamento tenham sido escritos a partir de um contexto cultural específico, não podemos simplesmente anular seu ensino. A força do texto, como tal, continua, embora em determinados casos não poderá ser simplesmente transferido para nossos dias. Assim sendo, tanto a mulher deve estar ligada ao homem, por força da palavra do Criador, como o homem deve estar ligado à mulher, para que a unidade do Altíssimo não se desvie do seu alvo.

Quarto: Não podemos ignorar o papel preponderante da mulher na construção do mundo religioso desde a antiguidade. Negar este fato é alienar-se do espaço histórico do passado que serve de base para a construção do mundo moderno. A igreja moderna, em sua caminhada, tem chegado a um ponto de maturidade perfeitamente aceitável. Os pastores-mestres, que no decorrer da história do povo de Deus trabalharam continuamente em favor do Corpo de Cristo, podem contar com resultados incríveis quanto ao crescimento dos discípulos de Jesus. É claro que a obra só terá fim com o arrebatamento. Mas não se pode negar que muitos assuntos discutidos -às vezes de forma desgastante- estão no plano dos "rudimentos da fé" (Hb 6.1)..

A questão que deixo é para uma reflexão a partir dos fatos que nos rodeiam e para uma reavaliação da relação homem-mulher na perspectiva da construção de mundo, tanto social como religioso. Deixo, também, alguns dados que podem servir de ponto de partida para o estudo conjunto dentro da relação homem-mulher.

1- De acordo com o ensino apostólico (1 Co 7.3-5), no âmbito do casamento o marido se entrega à esposa e a esposa ao marido. Isso provoca equilíbrio e unidade. A atual desigualdade e opressão da mulher, relegando-a a um segundo plano no lar e na sociedade, não seria fruto do ensino e doutrinação por parte de indivíduos e escolas bíblicas que não levam em conta a exegese dos textos e a hermenêutica?

2- A atuação da mulher na igreja é um fato marcante. O impedimento para que a mulher receba as mesmas atribuições que os homens é uma forma de machismo ou é resultado do amadurecimento do povo de Deus?

3- A vocação de Deus para o ministério é uma prerrogativa somente para homens? Como ficam as moças e senhoras que se sentem vocacionadas e gastam seu tempo e seu dinheiro preparando-se para a obra do evangelho?